

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maiza da Costa Lima

**DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CANDOMBLÉ:
UM REVISÃO BIBLIOGRAFICA PARCIAL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena Silveira

Juiz de Fora
2016

DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CANDOMBLÉ:

A literature review partial:

Maiza da Costa Lima¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o papel da mulher na religião afro-brasileira e a violência na relação de gênero. A pesquisa será feita a partir de revisão bibliográfica e tem como questão a noção de violência de gênero no candomblé. Aponta-se, brevemente, os papéis de cada um na organização dos trabalhos e culto nos terreiros, a função da mulher em particular. O artigo ressalta a importância da luta da mulher por direitos e espaço, contrapondo-se à imagem negativa (frágil, estereotipada e dominada) que parte da sociedade acaba por referendar. Mesmo vivendo essa violência de gênero nos terreiros, a mulher tem lutado e deixado claro que a sua presença na liderança religiosa é fundamental, promovendo uma melhor divisão de poderes com as lideranças masculinas

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Sexualidade, Violência, Cultura, Religião Afro-Brasileira.

ABSTRACT

This study aims to investigate the role of women in the african-Brazilian religion and violence in gender relations. The research will be based on a review and is to question the notion of gender violence in Candomblé. It points out briefly the roles of each organization in the work and worship in the yards, the particular woman's function. This article emphasizes the importance of women's struggle for rights and space, counteracting the negative image (fragile, stereotypical and dominated) that part of society ends up countersign. Even living this gender violence in religious communities, women have fought and made it clear that his presence in the religious leadership is critical, promoting a better division of powers with the male leaders.

KEYWORDS: Gender, sexuality, violence, culture and african-Brazilian religion.

1.INTRODUÇÃO

O artigo procura compreender a situação da mulher dentro da religiosidade afro-brasileira analisando sua posição no passado e agora no presente, demonstrando que os terreiros conduzidos por mulheres são diferentes daqueles conduzidos pelos homens, embora sejam menores, com menos adeptos, casa pequena, os terreiros das mulheres são mais organizados, passando maior seriedade e confiança.

Como principal objetivo, busca-se compreender qual é o papel da mulher negra dentro de uma casa de candomblé, buscando enfatizar quais são os principais tipos de violência que fazem parte do cotidiano destas mulheres religiosas. Através da compreensão da história da formação hierárquica existente no candomblé procurar-se compreender o papel desenvolvido por essas mulheres dentro da casa de culto. Será que as mulheres que ocupam cargos dentro do candomblé estão livres de assédios morais, sexuais e religiosos? Até que ponto a religião pode servir de escudo contra a violência? Ou será que estas mulheres são respeitadas somente no âmbito do terreiro, sofrendo violência no ambiente doméstico? Pertencer ao candomblé pode trazer excessos de problemas para as mulheres negras? O candomblé protege ou desprotege as suas filhas de santo? Enfim, falaremos sobre o preconceito sofrido pelas mulheres negras, o seu papel no ritual candomblecista e de que forma o candomblé se torna um instrumento de luta contra a discriminação dessas mulheres.

Neste trabalho a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, recorreremos a bibliografias existentes que trazem discussões sobre os temas a serem pesquisados. Faremos uma seleção de livros e artigos que trazem informações do tema, faremos a leitura e quando necessário o fichamento para em seguida começaremos a escrita da pesquisa.

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: costalimamaiza@ymail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

1. O CANDOMBLÉ E SUA HISTÓRIA

O candomblé foi a religião que chegou ao Brasil juntamente com os africanos que vieram para a América Portuguesa trabalhar como escravos² nos grandes empreendimentos coloniais, entre eles a produção de açúcar no nordeste brasileiro. Juntamente com os horrores vivenciados nos porões dos navios negreiros os africanos traziam dentro da sua memória e do seu coração seus hábitos culturais, entre eles o modo de vestir, cantar, alimentar e cultuar seus deuses, denominados orixás. A respeito da importância dos orixás na constituição das chamadas religiões afro-brasileiras, Berkenbrock (2012, p.176) comenta que “com os escravos Yorubá e sua cultura, chegava ao Brasil também sua religião – a religião dos Orixás. Esta é sem dúvida a religião africana que mais influenciou a formação das religiões afro-brasileiras.”

Para Berkenbrock (2012), sem dúvida a presença Yorubá no nosso território foi de suma importância para que acontecesse a formação das religiões afro-brasileiras. Porém, nesta pesquisa iremos dar ênfase ao denominado candomblé, nome originado na Bahia³, onde existe uma grande expressividade dessa religião. Para uma melhor compreensão do termo candomblé recorreremos a Maurício (2014, p.29) que nos dá a seguinte explicação:

A palavra “candomblé” parece ter se originado de um termo da nação Bantu, candombe, traduzido como “dança, batuque”. Esta palavra se referia as brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos, nas senzalas, em seus momentos de folga, popularizando-se. Posteriormente, passou a denominar as liturgias que eles trouxeram de sua terra natal. Este nome se modificou e se secularizou na religião africana que floresceu no Brasil.

No Brasil a religiosidade africana entrou em contato com as práticas indígenas, católicas e com a nossa natureza cultural. Carneiro (2008, p.33) salienta que o candomblé incorpora, funde e resume várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo.

Dessa convivência religiosa novos elementos foram incorporados aos rituais africanos trazendo algumas modificações para a prática religiosa vinda da África. Sobre o assunto Maurício comenta (2014, p.31):

O candomblé, apesar das modificações, não sofreu mudanças muito profundas nem radicais nas suas tradições, seus dogmas e, principalmente, nos fundamentos deixados pelos nossos mais velhos. Suas modificações foram mais pragmáticas, no sentido de ter que se fazer aceitar em uma nova sociedade, procurando ambientar-se tanto na parte humana quanto na parte religiosa. Precisou-se adequar-se e buscar novos elementos a partir dos quais conseguisse reconstruir todo o seu entremeado de relações litúrgicas. A religião, no Brasil, se integrou, se adaptou e floresceu ainda mais porque aqui encontrou uma natureza exuberante e uma grande diversidade de elementos necessários à sua existência.

Segundo Berkenbrock (2012, p.188) a manutenção do equilíbrio entre Aiyé e Orum⁴ ou a busca do equilíbrio é no fundo o objetivo de toda a atividade religiosa no candomblé, o sentido da vida gira em torno do equilíbrio. O equilíbrio mencionado se dá através do encontro entre o médium e o seu orixá e através das oferendas que são feitas em homenagens às estas divindades. O filho de santo⁵ precisa sempre agradar ao seu orixá, obedecer aos preceitos, cuidar das oferendas e da comida do seu santo, buscando assim manter o equilíbrio entre o Orum e o Aiyé.

O que se vê na religião afro-brasileira são festas, comidas representativas relativas às entidades, como forma de homenagear os antepassados. As homenagens praticadas nos ritos são para as divindades que representam os antepassados que foram muito queridos e que foram de suma importância para a existência do candomblé hoje em dia. Este tipo de religião considera a energia como ponto crucial, como o elo na revitalização partindo das entidades para os praticantes do candomblé.

² A produção de açúcar nos latifúndios exigiu grandes contingentes de trabalhadores e, devido á escassez de mão de obra portuguesa, os índios foram escravizados para servirem nas fazendas. Com o passar do tempo a escravidão indígena foi sendo substituída pela do negro de origem africana. Portugal já era, aliás, especializado no tráfico de negros mesmo antes da descoberta do Brasil, e não teve dificuldades em abastecer com esta mão de obra sua colônia brasileira. Silva, 2005, p.18.

³ Ver Berkenbrock (2012, p.176).

⁴ Aiyé se refere ao plano terrestre e Orum se refere ao plano celeste.

⁵ Nomenclatura utilizada nos terreiros de candomblé para designar quem incorpora um orixá.

A religiosidade afro-brasileira ganhou maior visibilidade quando alguns artistas famosos⁶ começaram a assumir perante a mídia que eram membros ou frequentadores de terreiros de candomblé. O candomblé também passou a ser tema de músicas e livros apreciados pela população brasileira. A academia também passou a se interessar pela pesquisa envolvendo a temática afro-brasileira. Dentro do âmbito da pesquisa relacionada à área da ciência da religião o candomblé passou a ser uma religião muito pesquisada por sociólogos, antropólogos e cientistas da religião e ao mesmo tempo com a divulgação na mídia atraiu vários seguidores deixando de ser uma religião majoritariamente negra. No foco da pesquisa e estudo na área das ciências da religião, esse fenômeno religioso vem sendo um ponto de análise dentro de contextos sociais diversos.

Segundo Berkenbrock (2012, p. 176), muitos dos escravos trazidos para o Brasil tiveram origem na região africana de Yoruba, no ano de 1452, os portugueses trouxeram escravos desta região. Não se sabe quando que eles vieram para o Brasil, mas foi no século XVIII e início do século XIX que a escravização dos Yorubas ocorreu acentuadamente, sendo o Brasil e Cuba os países que mais receberam os Yorubas. Os negros da Costa dos Escravos de língua Yoruba receberam pelos franceses a expressão “Nagô”, palavra usada como sinônimo de Yoruba. No Brasil, a cidade de Salvador foi o porto brasileiro que mais recebeu escravos, e em Portugal na região portuária da Lagos, foi o maior centro de tráfico escravista. (BERKENBROCK, 2012, p. 176)

Na visão de Berkenbrock (2012, p. 176), a religião afro-brasileira é de influência da religião Yoruba, recebendo o nome de Xango em Pernambuco e na Bahia ficando conhecido com o nome de Candomblé, e sendo esta expressão Candomblé que se espalhou pelo Brasil como referência à religião, seus cultos, cultura e locais.

Embora os escravos africanos que foram trazidos para o Brasil permanecessem na prática de suas culturas e religiosidade, a religião afro-brasileira tem hoje sua organização referente à nossa cultura, houve uma adaptação e organização daquela trazida pelos escravos Yoruba em relação ao que hoje se pratica no Brasil. Considerando que as manifestações religiosas dos escravos eram praticadas por grupos inconstantes que não mantinham uma continuidade com seus membros, as existências de tais grupos não conseguiram uma permanência na tradição da religião, mas sim pela contínua chegada de novos escravos.

Segundo Carneiro (apud Volney, J. Berkenbrock 2012, p. 177-178), foi datada do ano de 1826 a mais antiga utilização da palavra Candomblé, ocasião está em que os africanos que haviam participado da revolta do Quilombo do Urubu buscavam refúgios em uma “casa a que se chama de Candomblé” Ilê Iyanassô, assim conhecida popularmente como Casa Branca, em Salvador no bairro do Engenho Velho. Essa casa é considerada quase a casa-mãe de todas as outras casas surgidas no Brasil, esta foi criada por três africanas no ano de 1830.

O que se percebe hoje é que cada terreiro e sua comunidade, segundo Berkenbrock (2012), representam uma instituição isolada em si e também independente, mesmo havendo uma tentativa de associar os 67 terreiros com a fundação da “União de Seitas Afro-Brasileira”, mas esta tentativa falhou, mesmo considerando que o objetivo era preservar a pureza do culto e não permitir práticas não ortodoxas. O culto pode sofrer variações de um terreiro para outro, sendo que todos se considerem legitimamente candomblé.

Segundo Berkenbrock (2012), em suma, originou-se da tradição Yoruba os elementos básicos da teologia do Candomblé, considerando as condições sob as quais esta tradição chegou ao Brasil, é importante ressaltar seu grau de conservação, visto que é também considerado que absorveu outras tradições que lhe eram semelhantes, assim como a tradição jeje. Sendo o candomblé jeje aquele que cultua os Voduns, que se refere tanto à religião quanto aos espíritos centrais da religião do Candomblé trazidos para o Brasil pelos africanos escravizados em várias regiões da África Ocidental e Central. São divindades da Mitologia Fon, do grupo dos daomeanos, os cultos foram introduzidos em Salvador, Cachoeira e São Felix, na Bahia, e em São Luís no Maranhão. Apontando, contudo, que a religião do Candomblé é um somatório de diferentes cultos africanos.

2. A MULHER NO CANDOMBLÉ

Procurando compreender a situação da mulher dentro da religiosidade afro-brasileira analisando sua posição no passado e no presente, Landes (1967) e Carneiro (1978, p. 116), abordando o papel que as mulheres tinham, ressalta sua importância na organização e manutenção das religiões de matriz africana e considera que as religiões afro-brasileiras têm uma característica feminina. Carneiro (1978, p.105) complementa

⁶ Entre estes artistas podemos citar: Clara Nunes, Gilberto Gil, o escritor baiano Jorge Amado entre outros.

este raciocínio classificando os candomblés como “um ofício de mulher”, destacando a “preponderância da mulher na história dos candomblés”.

Com base em Carneiro (2008), pode-se afirmar que as mulheres se inserem no interior da concepção de gênero presente no candomblé, considerando a sociedade em que o candomblé está inserido, ou seja, mais uma vez identificam-se aí elementos de contraste com a visão de mundo, e conseqüentemente de gênero do candomblé, ora rivalizando, ora absorvendo elementos da cultura ocidental, que no caso chamamos de patriarcal ou machista.

Outro ponto a ser considerado, conforme Menezes (2012, p. 110), é a questão da liderança das casas terem cada vez menos mulheres em cargos, que é em função da recusa pelos maridos, uma vez sendo estes de outras religiões, e o fato de acolherem o templo em casa, o que direciona para um formato de sociedade matrimonial. Já nos terreiros em que permanecem a liderança feminina, percebe-se que as sacerdotisas estabelecidas são independentes financeiramente e, geralmente, não possuem maridos. As mulheres acabam por reconhecer e legitimar as posições a que são subordinadas e restritas, também como não impugnam os papéis nem a publicidade, reservados aos homens, reforçando assim o objetivo e a interiorização da distinção, da violência e da exclusão no contexto das religiões afro-brasileiras.

Segundo Menezes, podemos concluir que tal situação abre espaço para o “aumento dos homens nas lideranças [...] relacionando com as representações sociais de gênero” (MENEZES, 2012 p. 164).

Assim, Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é a missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois, a grande maioria de bispo é do sexo masculino. Há pouco tempo, começaram a surgir timidamente, algumas mulheres nessa posição (BASTOS, 2008, p. 3).

Carneiro (2008), não considera justa a entrada dos homens no candomblé, considerando que os homens usurparam os saberes femininos que foram construídos e estruturados ao longo de anos de preparo dentro das tradições africanas, sendo para o autor acima citado, desmoralizadora a maneira em que o sexo masculino adentrou para a religião.

Para o autor foram apontadas outras questões que contribuíram para formar a trama e resultar em críticas à presença dos homens, que já numericamente se apresentava maior que o das mulheres, considerando que a presença masculina também estava relacionada com a sexualidade.

No entendimento de Carneiro (2008) percebe-se que as questões ligadas à sexualidade aparecem envolvidas por comportamentos de intrigas e de disputas de poder e domínio. Organizadas pelas mãos e pelo coração das mulheres, as religiões afro-brasileiras, por diversos fatores passam por transformações, que parece ter sua causa baseada no aparecimento de outras práticas, também por transformações decorrentes das agregações e empréstimos que se apresentaram como novos modelos religiosos e por agregar o elemento masculino homossexual, causando muito preconceito e fofoca. Temos aqui as características das religiões afro-brasileiras estruturadas no processo da diáspora com diversas tradições e traduções, formando assim uma religião híbrida.

Ruth Landes (apud Lagos, 2012, 39) descreveu detalhadamente suas relações com as casas religiosas baianas e com pessoas do candomblé. Tendo seu olhar sobre o papel exercido pelas mulheres, como líderes religiosas dos candomblés, ressaltou a influência que as mesmas exercem sobre a sociedade local. E ao contrário, esclareceu que com os sacerdotes masculinos seu contato foi marcado pela exploração econômica, sendo esta questão não observada nas casas onde as mulheres tinham o papel de líderes. Esse fato mudou sua visão, a autora compreende que aquelas mulheres buscavam uma vida apoiada em uma prática religiosa que lhes proporcionassem uma vida social e religiosa peculiar e de ação transformadora. O relaxamento dos rigorosos tabus nos cultos nagôs e, em especial, o fato de que as barreiras tenham caído para os homens, não derrubaram, porém, o princípio fundamental de que somente a feminilidade pode servir aos deuses. Todos os homens considerados normais na Bahia continuavam, pois, excluídos (LANDES, apud LAGOS, 2012, p. 291).

Em consonância com Landes (apud Lagos, 2012, p.39), no passado, nos cultos nagôs a presença dos homens se dava por meio de atividades de adivinhação e de feitiçaria, eles eram chamados de babalaôs e não eram considerados chefes de culto, não podiam assim ser pais de santo, e estes, estando velhos e sem sucessores, buscaram as mulheres para que os auxiliassem e os sucedessem após a morte, foi aí o momento que na visão da autora a mulher se inseriu no candomblé, e nascendo assim a linhagem feminina. Mas deixando claro que mesmo entre as mulheres havia a existência de tensões, propiciando o surgimento de novas casas e variações nos cultos. Em função das variações, a autora, acredita ser o momento em que surge o candomblé de

caboclo, sendo que para ela, “a porta de entrada para a derrota das mulheres nas lideranças, provocada por elas mesmas, dando acesso aos homens à religião”. (LANDES, apud LAGOS, 2012, p. 290). Mas, fornecendo outra visão, Maria de Lourdes Siqueira (1995) vai dizer que:

Esta ligação íntima que a mulher negra tem com a mitologia e com o rito das religiões afro-brasileiras, lhe dá um suporte para que ela vá conhecendo, ampliando, recriando e transformando, em um modo de poder socialmente construído, sendo a própria autora de sua vida, vão se redefinindo a cada passo: assumindo ora o papel de mãe, se portando ora como educadora, ora funcionando como curadora, estabelecendo relações sociais, políticas e mesmo diplomáticas.

Comumente é a mulher quem dirige os “terreiros” de candomblé, na figura da yalorixá, da mãe-de-santo, sendo conhecedora de todos os rituais e segredos da mística religiosa afro-brasileira, e ainda traz com ela a responsável pela administração do “Terreiro”. “Ora, aprendendo e ensinando a religião dos orixás, a mulher negra desenvolve suas próprias capacidades administrativas, políticas-sociais, humanas e religiosas”.

Mesmo com a valorização da mulher, não implica a dominação dos homens. No candomblé, apesar dos conflitos, pode-se perceber que não existe necessidade de eliminação do outro porque este outro é diferente, o que se vê é a complementaridade das funções, e não o domínio de um gênero sobre o outro. Isto se tornou possível em função da cosmovisão do candomblé

Com isto, percebe-se que a cosmovisão latente do candomblé está em conflitos com a cultura do ocidente. Podendo ser pela valorização da mulher em sua dimensão política, religiosa ou social, ou pela compreensão do ser humano não levando em conta o binário homem-mulher, apresentando-se assim, o candomblé, com amplitudes civilizatórias mais coletivas, mais integracionistas, mais humanos em relação aos modelos do ocidente. Daí, Sueli Carneiro e Cristiane Cury afirmarem que:

A organização social do candomblé procurará reviver a estrutura social hierárquica de reinos africanos (especialmente de Oyô) que a escravidão destruiu, porém na diáspora esta forma de organização visará reorganizar a família negra, perpetuar a memória cultural e garantir a sobrevivência do grupo e, ainda, a transmutação nos deuses africanos será a fonte de sustentação dessas mulheres para o confronto com uma sociedade hostil.

Entretanto Landes (apud Lagos, 2012) não vê uma existência de violência de gênero. Há indicações que às mulheres cabem os papéis domésticos, e nas casas em que as lideranças são masculinas ou homossexuais, a figuras da mulher entra como suporte para as questões domésticas e com restrições para atividades públicas.

Para Birman (apud 2012, p. 53) a figura da pombagira, que traz em si importantes questões em relação ao estabelecimento da hierarquia religiosa com base no feminino. Sendo que esse feminino pode incorporar tanto um corpo feminino como masculino e frisa que sem a presença do feminino um terreiro não se estabelece, mas que a presença masculina fortalece e complementa.

Não é em qualquer papel exercido pela mulher que dará condição aos homens de se estabelecerem como pais-de-santo, mas sim os comprometimentos com o trabalho do interior da casa e com a organização do núcleo doméstico feito por elas. Mulheres, portanto, que tragam em si a marca do ethos, e que se envolvam na obrigação e no trabalho, nessa divisão sexual de papéis, em que a elas caberá o que indica ao núcleo mais intimamente associado ao doméstico (BIRMAN, 1995, p, 179).

Assim:

A Mulher quando ela é sacerdotisa chefe, ela domina tudo. Ela controla, é organizada. Vejo que casas dirigidas por homens, eles mandam fazer e não fiscalizam. A mulher sempre sabe tudo que está acontecendo. Claro, quando a mulher é dedicada. Nas casas dirigidas por homens, uma empurra o serviço para o outro e fica tudo desorganizado (Lagos, 2012, p. 48).

Sendo que para a mulher o espaço do terreiro indica um novo jeito da atuação do feminino, mas sinalizando que é clara a diferença social em relação às mulheres, sendo estas diferenças socialmente impostas, que nos fazem pensar em uma violência simbólica e com consentimento.

3 PRECONCEITOS E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA

Birman (apud LAGOS, 2012) pontua que o reconhecimento das diferenças existentes nos corpos masculinos e femininos sinalizam para as desigualdades entre os sexos, que só iriam diminuir com a criação da

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, e de modo específico, através de reivindicações dos movimentos de minorias sociais que ocorreram na década de 60, sendo que uma delas foi o movimento feminista.

Lasch (1999) relata que as mulheres têm sua história marcada em duas divisões, antes e depois da revolução sexual da década de 1960. Foram conquistas na área da política, do trabalho, da economia, no próprio controle de seu corpo, atribuído pelo movimento feminista, que foi um movimento social organizado a partir do ocidente.

Birman (apud LAGOS, 2012) ainda diz que o movimento feminista e a revolução sexual trouxeram grandes mudanças no mundo moderno no que tange os direitos e deveres das mulheres, contribuindo para um grande salto em relação à situação e o papel da mulher, e este ocorreu tanto no âmbito público quanto no privado. E que indo do direito de votar ao direito de ser educada, assim o caminho das mulheres sofreu grandes debates, tendo progressos e retrocessos.

Em consonância com Lagos (2012) que procura focar a violência dentro da religião afro-brasileira, aponta que as mulheres têm lugar diferenciado, sendo que o lugar ocupado por elas é um lugar de inferioridade, uma posição subalterna e ou ainda de exclusão. Essas exclusões estão intrinsecamente ligadas aos fundamentos religiosos como não ter acesso aos tambores, à questão da menstruação, e somando com isto, a divisão sexual do trabalho, que representa também uma violência que parece um fator natural.

De acordo com Lagos (2012), fica difícil apontar a existência de violência no universo religioso, pois para que esta questão fique clara seria preciso desmontar tradições e tabus e quebrar com fundamentos. Ficando claro que as tensões de gêneros se apresentam sublimadas, apontando posições diferentes entre homens e mulheres. Considerando que as atividades humanas se encontram amarradas à religião, sendo suas práticas inseparáveis do cotidiano das pessoas, nem do tempo e lugar de cada indivíduo, e também não se separa de seu lugar social e de suas questões econômicas e sexuais.

A religião com seu poder, na visão de Bourdieu (apud LAGOS, 2012, p. 127), “é um poder simbólico estruturado e estruturante de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem”. Sendo que a violência perpetrada pela religião tem um teor de complexidade, se apresentando de maneira simbólica, usando do condicionamento, sem brutalidade e domesticando as pessoas de uma forma inconsciente, e estas nem percebem a violência sofrida. Considerando a forma sutil em que a violência se faz presente, e também seu mecanismo de controle é imperceptível, se fazendo presente na forma de palavras, na forma de gestos, mas de modo disfarçado.

Segundo Lagos (2012, p. 170), a mulher permitiu a entrada do homem em seu espaço religioso, conferindo a ele um papel de destaque, exercendo função de protetor, dando a ele o espaço de cuidador e também mantenedor, considerando assim que tais papéis foram de certa forma invertidos e ficando as mulheres em uma categoria de auxiliares de sacerdotes, nos cargos classificadas como mães pequenas e ekedes, assumindo as funções de cuidadoras e da manutenção da casa. Ficando a cargo delas a manutenção das casas de sacerdotes homens, e estes ficando com o espaço público, enfatizando que o papel que cabe às mulheres, é dos espaços privados.

Ainda na visão de Lagos (2012), considerando a falta de consciência das mulheres em relação ao fato que enfatiza as violências por elas sofridas e estimulando a percepção de que as mesmas propiciam a condição para a violência, aceitando a fala sobre os papéis sociais, não indagando sobre as relações de poder que se fazem presente nesta questão. E na maioria das vezes, a angústia e o sofrimento vivenciados por elas em relação às questões de gênero são defendidas pela falta ou pouca fé, pela falta de compromisso das fiéis e também pelo comportamento inapropriado, ficando claro que a violência que se instala no espaço religioso afro-brasileiro constitui sofrimento para as mulheres.

Do ponto de vista do psicólogo Sérgio Silva (2010), não se pode compreender a violência contra as mulheres simplesmente como alguns atos sistematizados de agressões contra o corpo da mulher, sendo abuso sexual, ou considerando um espancamento, indo desde a tortura física até a psicológica. Tal violência vivida dia a dia está impregnada no inconsciente coletivo e na sociedade, de homens e também de mulheres que permitem a submissão do ator feminino ao domínio masculino. Com a imposição somada à submissão das mulheres, também com a vulgarização da linguagem cotidiana, que se tornam expressões de linguagem usadas de maneira popular, sublimada em palavras de duplo sentido. Também nos estereótipos que criam preconceitos e discriminação, apontando para personagens da vida cotidiana, como a feiticeira, a dona de casa, a doméstica, a professorinha, a garota de programa tipo exportação, e outros mais estereótipos que se apresentam como utensílios de uso e consumo através da mídia, servindo de comércio e turismo sexual que encontramos a violência contra a mulher.

E é se opondo e lutando contra este modo de violência que é preciso que as mulheres lutem, avançando terreno contra a violência, uma vez que a violência deve ser compreendida além de uma simples agressão física ou sexual. Sendo que a proposta quanto a isto, é ter consciência que a violência de gênero deve ser compreendida e assumida como uma depuração do preconceito, da discriminação e do sentimento de intolerância que as mulheres vêm experimentando (SILVA, 2010).

Com isto, fica claro que, para que a mulher continue ocupando seu lugar nas casas de candomblé, que continue exercendo seu papel de mãe de santo, aplicando sua crença, sua fé, não é preciso retirar o homem de cena, mesmo que exista o conflito e a diferença de gênero, uma vez que haverá lugar para os dois exercerem suas funções, crenças e ritos, considerando também que entre os orixás existam o feminino e o masculino integrando-se e atuando entre si.

4. O PAPEL DO CANDOMBLÉ NA DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER

De acordo com Silva (2010) foi considerada uma prática comum que até costumava passar sem muita importância pela sociedade, a violência e agressões vividas pelas mulheres, negros e homossexuais em que os atores oprimidos camuflavam suas dores e sentimentos sem poderem se expressar, denunciar e, ou até mesmo compreender. Mas hoje, a sociedade está mais consciente e tem buscado mudanças em relação a esta classe de desfavorecidos.

Com isto, os movimentos de minoria foram se formando e se organizando com a proposta de reivindicar seus direitos ao governo, pois esse se tornou um problema de inclusão e exclusão o preconceito e a discriminação contra a mulher.

Vale a pena salientar que a inclusão social foi anulada pelo lado negativo que foi conferida a diferença de cor, raça, sexo e classe social, e outras mais diferenças, marcando a sociedade brasileira há séculos, tornando uma sociedade hierarquizada, e com isto, impedindo o acesso dos vários segmentos da sociedade de massa de seus direitos e deveres da grande maioria dos incluídos (SILVA, 2010).

Bastos (2009) comenta sobre a posição hierárquica ocupada pelas mulheres dentro deste segmento pertencente ao campo religioso brasileiro. Segundo esse autor:

Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é a missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois, a grande maioria de bispos é do sexo masculino. Há pouco tempo, começaram a surgir timidamente, algumas mulheres nessa posição (Bastos, 2009, p. 156).

Algumas mulheres que ocupam o cargo máximo dentro dos terreiros de candomblé são bem conhecidas pela sua força, sua luta e pela garra que defenderam e defendem a sua religião. Segundo Carneiro (2008, p.111) ainda agora os nomes de mulheres são mais importantes do que os dos homens na chefia dos candomblés. Entre estas mulheres podemos citar: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Stela Oxóssi, Mãe Beata, Eugênia Ana dos Santos, mais conhecida como Aninha, entre outras. As mulheres possuem um importante papel na constituição das chamadas religiões afro-brasileiras. A maioria dos terreiros de candomblé foi constituída por mulheres, porém os homens passaram a assumir o cargo máximo dentro da casa de santo, passando as disputar com as mulheres o espaço de chefia dentro do candomblé.

Carneiro (2008, p.110-111) enfatiza que:

Dos sessenta e sete candomblés matriculados na União, trinta e sete eram dirigidos por pais e trinta por mães. Parece que nem sempre houve pais e mães e que antigamente, o candomblé era nitidamente, um ofício de mulher. Indicam-no entre outras coisas, a necessidade de cozinhar as comidas sagradas, de velar pelos altares, de enfeitar a casa por ocasiões de festa, de superintender a educação religiosa de mulheres e de crianças, serviços essencialmente domésticos, dentro de quatro paredes.

Floriano (2015, p.225), pesquisando sobre o candomblé e umbanda em Juiz de Fora chegou ao seguinte quantitativo:

Em 2000 a pesquisa conseguiu localizar 23 terreiros de candomblé em Juiz de Fora, dos quais 12 dirigentes eram do sexo masculino, 03 tinham curso superior, 05 haviam completado o segundo grau, 09 eram brancos, 08 negros, 06 mulatos e 07 eram naturais de outras regiões que se instalaram na cidade.

Analisando os dizeres de Floriano (2015), percebemos que atualmente os homens vêm disputando um espaço que antes era dominado principalmente pelas mulheres negras. Vale a pena destacar que o candomblé também deixou de ser uma religião majoritariamente negra, abrindo espaços para os diversos segmentos da sociedade brasileira. Como vimos acima, a religião africana hoje tem como líderes em Juiz de Fora, homens brancos, embora somando o número de dirigentes prevalece um maior número de afrodescendentes.

Carneiro (2008, p.112) salienta que a presença masculina na liderança dos terreiros tem prejudicado as tradições candomblecistas, estas vêm sofrendo algumas alterações, pois muitos destes sacerdotes, não pertencentes a tradição nagô e jejês não passam nem mesmo pelo “processo de feitura” deixando de aprender os ensinamentos transmitidos oralmente pelo seu mais velho ou zelador.

Em contraste com esta força interior que emana naturalmente das mães nagôs e jejes, os pais de Angola, do Congo ou caboclos são quase todos improvisados, feitos por si mesmo, “aprendendo uma cantiga aqui e outra ali”, como dizem os chefes nagôs e jejes. (...) São pais sem treinos, espontâneos, distante da orgânica tradição africana - os *clandestinos* do desprezo nagô. (CARNEIRO, 2008, p.112).

Enquanto dentro dos terreiros a mulher ainda é vista como uma liderança que segue corretamente os princípios e fundamentos religiosos, no que se refere a política e a liderança fora do terreiro a mulher ainda está longe de ocupar um posto de destaque. Nos terreiros as mulheres são protagonistas, porém no ambiente fora do espaço sagrado, elas ainda lutam para conseguirem seus direitos e uma maior participação no âmbito político e social.

Cordovil (2014, p.117-118), pesquisando em Belém do Pará sobre a representatividade da mulher fora do terreiro chegou à seguinte conclusão:

No campo político afro-religioso em Belém a grande presença numérica de lideranças femininas, porém, na maioria das vezes, essas lideranças assumem papéis periféricos ou subordinados com relação as lideranças masculinas. Podemos encontrar algumas delas atuando como “faz tudo” de organizações de afro-religiosos sem que consigam efetivamente ocupar um papel de liderança, como a presidência da organização. Ou, quando ocupam o cargo máximo na hierarquia de tais associações, as mulheres muitas vezes conseguem as diretrizes de sacerdotes do sexo masculino.

Apesar de haver um domínio feminino nos terreiros de Belém, essas mulheres quando saem do seu espaço sagrado passam a ocupar papéis secundários, logo o cargo máximo dentro do terreiro não é garantia de ocupar a liderança e papéis importantes dentro do ambiente público.

A maioria das mulheres ocupam seus cargos, porém elas não possuem autonomia para fazerem interferências nos assuntos a serem discutidos, quando opinam, estão sendo orientadas por uma liderança masculina. Também temos que dizer que como a maioria dos terreiros são liderados por mulheres é interessante que estas estejam presentes nos eventos, fazendo assim se acreditar que a voz feminina ainda tem poder de decisão.

O que se percebe é que embora a mulher conduza de forma diferente os terreiros de candomblé, mesmo ainda estando presente de forma qualitativa, consciente na maneira de conduzir os ritos, ela luta pelo seu espaço, tanta dentro e fora dos terreiros, numa busca pelos direitos de serem elas, fazer valer suas crenças, práticas e cultura.

CONCLUSÃO

Com base nos estudos realizados sobre a violência de gênero no candomblé, foi enfatizado o papel da mulher na religião afro-brasileira. Pode-se assim perceber a violência em relação à mulher com a disputa do domínio pelos homens dos terreiros de candomblé, mas deixando claro que, na visão de alguns autores aqui citados como Carneiro, o candomblé é uma religião afro-brasileira de características estritamente feminina. Mas é preciso deixar claro que homens e mulheres possuem biologicamente e psicologicamente funções e funcionamentos diferentes, por mais que um queira ocupar o lugar do outro, isto efetivamente será impossível, é preciso salientar a importância e a função que cada um representa e ocupa na vida e nas religiões.

A mulher com sua intuição e percepção mais aguçada, fundamenta seu rito e práticas na emoção, e não na razão, possuidora assim de uma prática religiosa no cumprimento do seu rito religioso tirado da tradição, princípios e fundamentos religiosos. Mas com tudo isto as mulheres deixaram se legitimar e consente em está numa posição de subordinação, sendo colocada em uma posição pelos homens, - é quando se percebe a violência de forma sublimada- em que elas saem de cena e passam a ocupar um espaço privado, com muitas atribuições e responsabilidades domésticas, além de outros tipos de violência sofrida pelas restrições e castigos

impostos pelos pais de santo, onde ela – a mulher – passa a ser responsável pela comida, pela execução na preparação de festas, arrumações do barracão, e ficando o homem com o espaço público.

Ainda assim a mulher dentro dos terreiros é vista como líder, seguidora dos princípios religiosos, mas no espaço a que se refere à política e liderança fora do terreiro a mulher está fora de destaque, ainda luta para conseguir seus direitos e maior participação no âmbito social e político. É importante salientar que mesmo com as disputas de poder, com o conflito e diferença de gênero, não será preciso retirar os homens, considerando que haverá lugar para os dois exercerem suas funções, levando em conta a existência e atuação de Orixás femininos e masculinos no ambiente dos terreiros.

REFERENCIAS

BASTOS, Ivana Silva. **A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras**. CAOS Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Número 14. Setembro de 2009, p.156-165.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás** Um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. 4º Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gênero**: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará, 1995.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés na Bahia**. 9º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008. (Raízes)

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. **O poder feminino** – A questão de gênero no candomblé. Disponível em: Site: WWW.ifil.org/biblioteca/souza.htm. Acesso em: 02 fev 2016.

CORDOVIL, Daniela. Políticas públicas para afroreligiosos e a participação de lideranças femininas. In: Daniela Cordovil Religiões Afro: introdução, associação e políticas públicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

FLORIANO, Maria da Graça. Tradição e invenção: candomblé e umbanda no campo religioso de Juiz de Fora. In: DAIBERT, Robert Júnior; FLORIANO, Maria da Graça; BERKENBROCK, Volney José (orgs.). **A mão que costura o vento**: mediações do sagrado nas tradições religiosas afro-brasileiras. Juiz de Fora: Ed. UFJF/MAMM, 2015, falta a página inicial e a página final do capítulo.

LAGOS, Nilza Menezes Lino. **Segredos e intrigas**: Relações entre violência e o processo de masculinização nas lideranças das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Velho – RO, São Bernardo do Campo, 2012.

LASCH, C. **A mulher e a vida cotidiana**: Amor, casamento e feminismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MAURÍCIO, George. **O candomblé bem explicado**: Nações Bantu, Iorubá e Fon/Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MARCONDES, Marina Mazzini. (Org) **Dossiê mulheres negras**: Retratos das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes 1995. **Iyami, Iya Agbás**: Diâmica da Espiritualidade Feminina em Templos Afro-Baianos. In: Estudos Femininos. IFCS/UFRJ-PPCIS/UFRJ- Vol. 3, nº 2.

SILVA, Sergio Gomes. Revista Psicologia Ciências e Proposta, **Preconceito e discriminação: As bases da violência contra a mulher**. 2010, 30 (3), 556-571. Disponível no site: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414. Acesso em: 09 fev. 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 2.ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.